

Fotografias na construção das trajetórias de mulheres: Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948)

RESUMO

Gabriela Lúcio de Sousa

E-mail: gabriela.lucio@gmail.com
Universidade de Brasília, Brasília,
Distrito Federal, Brasil

Maria Margaret Lopes

E-mail: mmlopes@unb.br
Universidade de Brasília, Brasília,
Distrito Federal, Brasil

Este artigo apresenta e contextualiza o estilo de vestuário de Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948) através de fotografias da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Todos os registros foram obtidos por meio do site da Iconografia da FCRB e apresentam algumas imagens de como Maria Augusta se mostrou publicamente. Alguns retratos são posados, outros referem-se a eventos públicos, o ponto em comum é um entendimento inicial desse material como documentação visual capaz de fornecer probabilidades de investigação de sua trajetória. A partir dessa análise, foi possível compreender, acessar e estudar o estilo de Maria Augusta Rui Barbosa, além de usar outras dimensões possíveis da fotografia como fonte informacional.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Augusta Rui Barbosa. Fotografia. Iconografia. Museu Casa de Rui Barbosa. Gênero.

INTRODUÇÃO

Maria Augusta Rui Barbosa nasceu Maria Augusta Viana Bandeira (1855 – 1948). Era filha de Alfredo Ferreira Bandeira e Maria Luísa Viana, esposa do polímata, advogado e senador Rui Barbosa (1849 – 1923). Maria Augusta e Rui foram casados por 46 anos, e tiveram cinco filhos Maria Adélia Rui Barbosa (Dedélia), Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Barbosa (Baby). Ela faleceu com 93, vivendo mais de vinte anos sem a presença de seu marido. Maria Augusta, conhecida por ter sido esposa de Rui Barbosa, foi mais do que isso, sendo figura importante na criação do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e na composição do acervo da instituição. A casa onde atualmente está o MCRB foi comprada em 1924 pelo governo. Já o museu foi criado por meio do Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927, que *Crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento* (BRASIL, 1927) e inaugurado em 13 de agosto de 1930, com a presença de Maria Augusta, do então presidente Washington Luís e outros convidados.

Mesmo com a acentuada importância de Maria Augusta Rui Barbosa no contexto de viabilização e criação do MCRB, pouco foi estudado sobre sua imagem construída pela historiografia. Tal questão é notada dada a falta de material sobre a própria, tanto escrito por ela ou sobre ela, sendo costumeiramente apontada como “grande dama brasileira” (CASA DE RUI BARBOSA, 1949, p. 18), “a grande mulher de um grande homem” (CASA DE RUI BARBOSA, 1949, p. 14) e “uma mulher forte que através dos anos foi apaziguadora do gênio difícil do marido e administradora tranquila do lar harmonioso” (REIS, 2011, p. 45). É sabido que, por tratar-se de uma instituição dedicada prioritariamente a Rui Barbosa, poucos acervos que pertenceram a Maria Augusta – ou que se acredita terem pertencido a ela – estão em posse da FCRB e do MCRB:

Poucos acessórios e duas ou três peças de roupa do uso de Maria Augusta se encontram no Museu. Fotografias individuais e em eventos sociais e políticos documentam e permitem a análise do seu respeito à moda e da sua elegância [...] (REIS, 1999, p. 17).

Em 2016 foi realizada uma pesquisa no âmbito do MCRB através de uma bolsa do Programa de Iniciação Científica (PIC) da FCRB denominada *Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público* que perdurou por dois anos. Além dos resultados para a instituição, a análise gerou a monografia denominada *Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas*. A pesquisa versava sobre os dois quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa, que estão no acervo da instituição. Uma das descobertas sobre os quimonos obtidas através dos estudos realizados na pesquisa esclarece justamente que as roupas em questão não são quimonos, mas sim *déshabillés*, uma espécie de robe com amarração na cintura. Os *déshabillés* são considerados *roupas de intimidade*. Mesmo com essa descoberta, as duas peças presentes no acervo do MCRB² permanecem catalogadas como quimonos (SOUSA, 2018).

Os estudos sobre Maria Augusta Rui Barbosa foram continuados e este artigo faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa realizado no âmbito do programa mestrado em Ciência da Informação da Universidade de Brasília em que o objetivo é estudar os objetos do acervo do MCRB que pertenceram a Maria Augusta Rui

Barbosa. Além do acervo, serão investigados registros fotográficos da iconografia da FCRB, e o recorte desse artigo se dá partir da análise dessas imagens. Serão examinadas oito fotos em que ela está presente e destacam o seu estilo, já que “a moda ganha uma relevância especial e, se bem analisada, funciona como um poderoso meio de apreensão das dimensões sutis e cruciais que conformam o jogo fascinante e impiedoso das interações sociais” (PONTES, 2016, p. 31) onde marcadores de gênero são significativos.

Não é possível falar de Maria Augusta Rui Barbosa sem considerar o seu apagamento na história do MCRB e na vida de Rui Barbosa. Maria Augusta não foi uma mulher invisibilizada a sua época. Pelo contrário, “no que diz respeito à tão decantada invisibilidade das mulheres ao longo da História, cabe precisar que esta ausência é também uma construção historiográfica” (LOPES; COSTA, 2005, p. 80). O papel de Maria Augusta no contexto da vida de Rui Barbosa é singular, pois transita entre a esfera pública e privada de seu marido, mesmo que seja divulgado apenas o contexto privado, através de sua dada função como esposa de um homem público:

Os movimentos de mulheres se especificam em relação a outros movimentos ao proporem uma nova articulação entre a política e a vida cotidiana, entre esfera privada, esfera social e esfera pública. Ou seja, a mulher ao emergir da esfera privada para reivindicar na esfera pública também torna-se visível na esfera social, onde os limites entre o público e o privado tornam-se confusos (SILVA, 2000, p. 4).

É importante pontuar a relevância de Maria Augusta no desenvolvimento do MCRB. Após o falecimento de Rui Barbosa, Maria Augusta recebeu duas propostas de venda financeiramente vantajosas, porém que desmembrariam a biblioteca e a residência. A embaixada da Inglaterra interessou-se em comprar a casa e o Jockey Clube de Buenos Aires, a biblioteca (MAGALHÃES, 2013). Maria Augusta recusou as ofertas, contrariando o seu filho João Rui Barbosa, e optou por vender todo o conjunto – incluindo arquivo e mobiliários – por um valor menor para o governo federal. Américo Jacobina Lacombe destaca essa importância, afirmando que “nós devemos muito a ela a manutenção da Casa (...)” (RANGEL, 2015, p. 162). Sobre a situação da compra e venda da casa, sabe-se que

[...] o Azeredo propôs no senado a compra da casa. E isso ficou bonito porque o Azeredo tinha morrido adversário do Rui. E mandaram avaliar e deram aquele preço que consta lá na escritura. Depois disso ela recebeu uma proposta de compra pela embaixada inglesa, Sir Arthur queria comprar a casa. E a biblioteca teve uma oferta do Jockey Clube de Buenos Aires (...) pelo menos o dobro do que o governo pagou pelas duas coisas (RANGEL, 2015, p. 162).

Além disso, a matriarca solicitou a inventariação de todo o acervo. O arrolamento da coleção gerou oito volumes, e desse quantitativo, sete são de acervo da biblioteca (FERREIRA, 2008).

A iniciativa de D. Maria Augusta foi decisiva para torná-la [a biblioteca] um bem público. Ao decidir como inventariante fazer um catálogo de todo o acervo e só vendê-lo de forma integrada, deu o último e definitivo passo para a preservação permitindo seu uso com uma nova acepção de cidadania (FERREIRA, 2008, p. 7).

Ressalta-se ainda que Maria Augusta tinha plena consciência da importância do acervo bibliográfico de Rui Barbosa, posto que ela “solicitou um levantamento dos títulos de todos os livros do marido, de modo a justificar a importância daquele acervo para a nação. Cada livro constou nominalmente no inventário” (MALTA, 2012, p. 175). Ademais, Maria Augusta participou ativamente de todo processo de musealização, como ela disse em entrevista ao Jornal do Brasil de 13 de agosto 1930, “tenho ido todas as manhãs assistir os preparativos para a inauguração do museu” (RANGEL, 2015, p. 77). Maria Augusta realizou o “desejo do patrono” (RANGEL, 2015, p. 62) e também o que julgava ser o melhor para o público, afirmando que negou a venda mais financeiramente vantajosa e dizendo que “isso [o MCRB, seu acervo e biblioteca] vai ficar para o Brasil. Comprometi-me com o Azeredo³” (RANGEL, 2015, p. 162).

O apagamento de Maria Augusta se deu por uma opção historiográfica. Sabe-se que, desde meados de 1980, as historiadoras feministas lutaram para ‘acrescentar’ as mulheres, suas histórias de participações sociais, lutas e trabalhos à História (LOPES; COSTA, 2005, p. 81). Ademais, se compreende que “a conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa” (SCOTT, 1992, p. 64). Com isso, o resgate de Maria Augusta através dos diversos suportes possíveis – aqui tratando especificamente de registros fotográficos – é uma retomada de sua função enquanto mulher política, situação perceptível através da seleção de fotos que destacam o seu estilo, mas também sua atuação pública.

CONCEITUAÇÃO

“Desde as últimas décadas do século XIX a percepção visual do mundo foi marcada pela utilização de dispositivos técnicos para a produção das imagens” (MAUAD, 2005, p. 134). Os registros em forma de fotografia tornaram-se cada vez mais comuns, e passaram a permitir um tipo de linguagem onde a análise é realizada por meio das visualidades, “pela procura de recursos dedutivos, comparativos e interdisciplinares para captar o que a imagem pudesse transmitir” (MAUAD, 2005, p. 131). Porém, não se deve considerar esse tipo de imagem como uma reprodução exata do real (MAUAD, 2005), posto que, Philippe Dubois em sua consagrada publicação *O ato fotográfico*, já classificava “a fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução)” (MAUAD, 2005, p. 135) e “a fotografia como o vestígio de um real (o discurso do índice e da referência)” (MAUAD, 2005, p. 135). Em suma, lidamos então com uma realidade transformada ou um fragmento do real. Não se deve considerar a fotografia então como um registro pleno:

As imagens são históricas, dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto que as produziram e das diferentes visões de mundo que concorrem no jogo das relações sociais. No caso das fotografias, em suas diversas modalidades, elas guardam na sua superfície sensível a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, ou narrativa, próxima àqueles que as consumiam, possuíam, guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos (MAUAD, 2005, p. 172).

Sobre as fotografias, entende-se que “o ato fotográfico não é só o momento da tomada, o clique do fotógrafo, mas a produção da imagem, a recepção e/ou a contemplação da mesma” (MANINI, 2011, p. 79). A fotografia será igualmente considerada uma tecnologia da imagem e “essas tecnologias têm o poder de aprisionar o tempo e o espaço, e, enfim, imortalizar o homem, perpetuar o seu passado, transformá-lo em presente constante” (BOONE, 2007, p. 18).

Pessoas, grupos, sociedades, povos inteiros poderão reconhecer numa fotografia um referente aurático de sua própria história. Na fotografia doméstica, é a memória familiar; na fotografia do mundo do trabalho, é a memória institucional; no fotojornalismo, é a memória social e política; na fotografia documental, é a memória histórica (MANINI, 2011, p. 80).

O entendimento da fotografia “como uma representação” (MANINI, 2011, p. 85) possibilita a compreensão das imagens como uma fonte de informação do estilo de vestir de Maria Augusta durante o decorrer de sua vida. Todos os registros foram obtidos através do site da Iconografia da FCRB e apresentam uma amálgama de situações do cotidiano de Maria Augusta. Alguns retratos são posados e os demais são eventos públicos. O ponto em comum é o entendimento desse material como documentação visual capaz de fornecer probabilidades de investigação:

A fotografia passa a desempenhar de imediato duas funções utilitárias dos processos gráficos: é uma fonte de notícias e um registro de documentos. Enquanto a primeira função não é prerrogativa exclusiva da fotografia, a segunda torna-se seu domínio privilegiado, pois só ela é capaz de fornecer um registro visual que possa ser usado como meio de estudo, de análise (FABRIS, 2006, p. 158).

A análise do material fotográfico será realizada através de métodos descritivos, onde será exposto o que pode ser aferido e interpretado da imagem. A análise de imagens consiste em um método já bastante utilizado em determinados campos de estudos, mas duas metodologias em específico serão aporte para a proposta deste artigo. Iniciando com a **Metodologia panofyskiana** (PANOFSKY, 2007), que propõe três possibilidades para a análise de imagens, sendo a primeira a Pré-Iconográfica, onde se realiza uma leitura mais literal e objetiva das imagens, a segunda é a Iconográfica, onde aprofunda-se a compreensão do que está sendo representado, mas ainda dentro do que é acordado pela imagem, e a terceira, chamada de Iconológica, onde pode-se inferir outras informações e possibilidades a partir da interpretação da imagem, proporcionando uma leitura mais subjetiva. Aqui, opera-se perpassando pelos três campos, amalgamando essas possibilidades.

A outra metodologia é a **Fotoetnografia** (ACHUTTI, 1997), cunhada por Luiz Eduardo Achutti, onde a coleta de dados e os estudos pormenorizados com o olhar de afastamento realizado pela etnografia são unidos com a fotografia, possibilitando assim uma abordagem descritiva. Essa análise aprofundada do autor objetiva retratar quem são as mulheres (ACHUTTI, 1997) que ele está observando. De maneira semelhante, a análise fundamentada nas três abordagens de Panofsky (2007) buscam justamente construir um retrato de Maria Augusta Rui Barbosa para além do que é comumente convencionado pela instituição que abriga seus acervos e por aqueles que de alguma forma conhecem essa personagem.

Acervo este que estabelece a necessidade do uso da fotografia para interpretação de quem foi Maria Augusta Rui Barbosa. O MCRB possui sob sua guarda mais de 1550 itens pertencentes ou não a família Rui Barbosa, porém desse total, poucos são confirmados como pertencente a Maria Augusta, e outros ainda estão em processo de análise para confirmação. O número total de itens do acervo confirmados como dela é menor do que o quantitativo de fotografias em que ela aparece. Com isso, as imagens fotográficas permitem uma interpretação além daquela ofertada por seus objetos.

Cabe ressaltar que Maria Augusta e Rui Barbosa tinham por interesse inserir-se plenamente na burguesia carioca de sua época, almejando alcançar esse *status*. Ambos vieram da Bahia, ela de família com história aristocrática, mas financeiramente decadente e ele com uma situação financeira instável, sem fundos financeiros. As fotografias exibidas – ou posadas – evidenciam momentos da vida de uma família política em plena ascensão, para quem a autoimagem era essencial, quando se buscava firmar uma posição. Os retratos podem ser vistos como novela e como história (ANDREO; ONO, 2008) e assim, parte-se de uma compreensão de que nada é por acaso, mesmo a menor das ações é fundada em um ideal do que deve ser lembrado. Em suma, os registros fotográficos

[...] encontram na burguesia um próspero público favorável à sua expansão. Aparece como um oportuno modo de reprodução estética do retrato aristocrático e outorga a "legitimada da visão" da classe dominante, o registro de sua prosperidade através de gestos, cenários, composição e sua distinção social (ANDREO; ONO, 2008, p. 43, tradução nossa).

ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DE MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA

Todas as fotografias buscadas e analisadas são provenientes do site conhecido como "Iconografia da Fundação Casa de Rui Barbosa" (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020a). Esse site é um banco de dados de imagens dos Serviço de Arquivo Histórico e Institucional (SAHI) e do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). O conjunto estudado pertence ao SAHI e abarca registros de imagem relacionados a Rui Barbosa, à residência e às atividades da FCRB e do MCRB.

A busca "Maria Augusta" no site da Iconografia da FCRB apresenta 164 resultados e a pesquisa por "Maria Augusta Rui Barbosa" revela 162 resultados. Em ambos, além de fotos de Maria Augusta, são listadas fotografias da sala do MCRB que recebe o seu nome (o antigo quarto de vestir de Maria Augusta); fotografias do livro "Cartas a Noiva", que reúne as correspondências de Rui Barbosa para Maria Augusta; objetos relacionados a ela ou que estão na Sala Maria Augusta e que compõem o acervo do museu. Foram localizadas aproximadamente 75 fotografias de qualidades diversas – algumas bem conservadas e outras deterioradas – e em situações diferentes – públicas e privadas – onde Maria Augusta aparece de alguma forma, seja em destaque ou em ambientes com uma considerável quantidade de pessoas. Nesse artigo, serão analisadas 8 fotografias desse montante. É importante comentar que algumas fotos do site estão sem datas, e mesmo aquelas datadas, apresentam imagens dispares de Maria Augusta. Em fotografias do mesmo ano, ela parece estar mais velha ou mais nova, gerando

certa confusão, mas aqui serão consideradas as informações presentes no site da Iconografia da FCRB, portanto, as imagens serão organizadas a partir dessas datas.

As fotos delineiam aspectos do modo de vestir de Maria Augusta; sua elegância, estilo e refinamento já foram apontados desde Luiz Viana Filho (1943). João Felipe Gonçalves (1999) também ressalta a performance social dela. Tais qualidades eram necessárias para a mulher de um homem em ascensão, considerando que “a moda é um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve à estrutura social, acentuando a divisão de classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós” (SOUZA, 1987, p. 29). Maria Augusta cumpria bem esse papel, adequando-se aos costumes sociais da cidade grande e seguindo as necessidades de vestuário vigentes:

Não acostumado à vida rural, tendo vivido sempre a vida urbana, já há longos anos radicado no Rio de Janeiro, desde os tempos da Corte, Rui e d. Maria Augusta vestiam-se à moda das cidades. Nunca deixou êle de usar fraque, embora de linho, côr parda; ela, lindas "toilettes", sempre, porém de gola alta, segundo a moda. Os nossos maiores não apreciavam uns tantos figurinos que menos denotam comodidade do que desalinho e desmazêlo. (NOGUEIRA, 1970, p. 437).

Analisando as fotos de Maria Augusta em ordem cronológica, podemos notar a predominância de alguns elementos. Seus cabelos, em geral, eram mantidos presos e com o seu ondulado natural. Seus vestidos compunham-se de saias longas, coletes, peles e blusas com babados e pedrarias na região do colo, golas altas ou arredondadas. Nos tecidos, nota-se o uso da seda, materiais transparentes semelhantes a renda e veludos. No início do século XX, “enquanto os homens se cobrem de preto, as mulheres se enredam em cores, sedas, rendas, babados, fricotes, laçarotes, xales e decotes” (PONTES, 2016, p. 33). Cláudia Barbosa Reis (1999, p. 28) afirma que “o cetim, a seda e a cambraia branca com aplicações de rendas, nervuras e bordados” são as materialidades constituintes das roupas do acervo e provavelmente de grande parte das vestes usadas por Maria Augusta. Porém é importante ressaltar, que o cetim por ser um tecido que apresenta tanto uma face lisa, acetinada, brilhante como outra opaca pode ser composto de seda, para conferir mais brilho, mas também por outros materiais como algodão (ANDRADE, 2008, p. 66). Sabemos que os quimonos de Maria Augusta⁴ são em cetim de seda, mas não se sabe a técnica exata nem materiais dos outros itens de vestuário.

As oito fotografias analisadas compreendem o período de 1890 até 1922 – A julgarmos pelos anos marcados nas fotos datadas. Maria Augusta já está com 34 anos e Rui Barbosa já é Ministro da Fazenda, sendo uma figura pública de prestígio e consolidados na então capital, o Rio de Janeiro. Nesse período, Maria Augusta e Rui Barbosa já tinham pelo menos três de seus cinco filhos (Maria Adélia Ruy Barbosa, Alfredo Ruy Barbosa, Francisca Ruy Barbosa, João Ruy Barbosa e Maria Luísa Vitória Ruy Barbosa nasceram em 1878, 1879, 1880, 1890 e 1894, respectivamente). Cabe considerar que as fotografias aqui estudadas possibilitam uma diversidade de análises, mas aqui será investigado especificamente o estilo de Maria Augusta, considerando que “a fotografia forma, com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época” (MAUAD, 2005, p. 143).

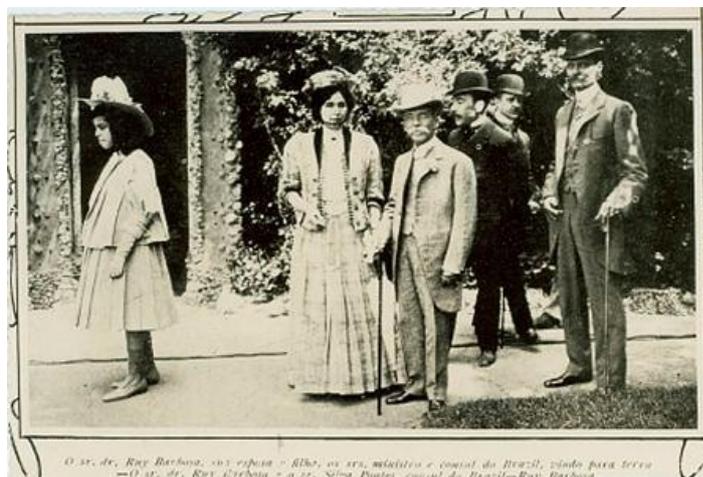
Figura 1: Retrato de Maria Augusta Rui Barbosa mais jovem (1890), aos 34 anos, usando blusa ou vestido com babados no colo e nos ombros, e os cabelos ondulados presos.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Na Figura 1, datada de 1890 Maria Augusta, aos 34 anos, usa uma blusa ou vestido com babados, compostos por tons escuros e claros, cabelos presos com um acessório nos cabelos. Nesse retrato, nota-se que ela não usa nenhum colar – no decorrer de sua vida, os colares serão muito presentes.

Figura 2: Maria Augusta Rui Barbosa com, 51 anos, usando colete e saia com estampa xadrez, ao lado de Rui Barbosa, em passagem a Lisboa, para a Conferência da Paz em Haia (1907). A legenda da foto no site da Iconografia fornece a seguinte informação: “Fotografia tirada em Lisboa, quando de passagem para a Conferência da Paz em Haia. Original sépia. Existem 4 duplicatas no acervo, uma delas com legenda. Da esquerda para a direita, encontram-se: Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra, Maria Augusta Rui Barbosa, Rui Barbosa, Silva Pontes, Belford Ramos e Alberto Fialho” (ICONOGRAFIA FCRB, 2020).



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Já na Figura 2, de 1907, Maria Augusta veste um conjunto de colete e saia longa com estampa xadrez, blusa clara de gola alta e chapéu, uma composição diferente do que normalmente aparece em outras fotos, já que, geralmente, as roupas são neutras ou pouco estampadas. Como pode-se notar na Figura 2, que Rui Barbosa aparenta ser muito mais velho que Maria Augusta quando, em 1907 em passagem por Lisboa para a Conferência da Paz em Haia, Maria Augusta está com os cabelos completamente escuros e Rui Barbosa já está com bigodes brancos. Rui Barbosa era seis anos mais velho do que ela. Cabe observar que, no ano de 1907, Maria Augusta estava com 51 anos e Rui Barbosa com 58 e seus filhos já estavam crescidos.

Figura 3: Retrato de Maria Augusta (1907) com 51 anos.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Figura 4: Registro da Campanha Civilista (1910) com 54 anos.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

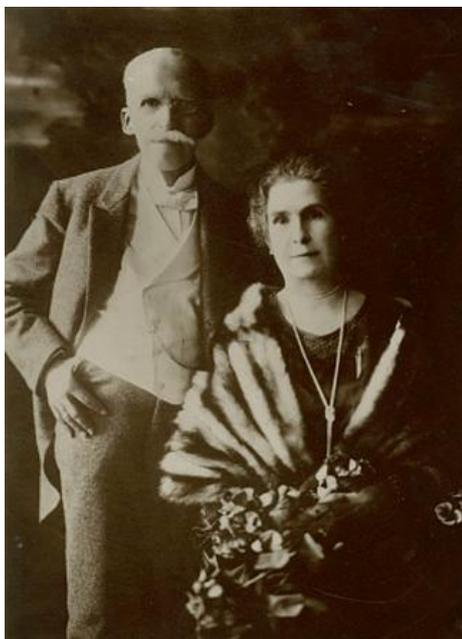
As Figuras 3 e 4 de 1907 e 1910, respectivamente, destacam volumosos chapéus, ambos com plumas. A foto 4, registrada em um evento público, a Campanha Civilista⁵. Maria Augusta continua usando golas altas e incorpora colares de pérolas em seu visual. Os cabelos continuam presos e ondulados, e os brincos pequenos.

Figura 5: Retrato de Maria Augusta Rui Barbosa em 1916 com 61 anos.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Figura 6: Retrato de Maria Augusta e Rui Barbosa em 1916.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Figura 7: Maria Augusta com 64 anos e Rui Barbosa sentados no centro da mesa de honra durante visita ao Clube Caixeiral (1919).



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Como pode-se notar nas Figuras 2, 4, 5, 6 e 7, Rui Barbosa aparenta ser muito mais velho que Maria Augusta. A Figura 5 possui a assinatura do Fotógrafo: "Camacho Phot". Nessa imagem em si, poucas informações sobre o fotógrafo estão disponíveis, porém, em uma pesquisa com o nome "Camacho" na Iconografia da FCRB, cinco imagens são relacionadas, incluindo essa de Maria Augusta e Rui Barbosa. Em uma pesquisa na base de dados da FCRB denominada SophiA (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020b), um *software* criado para gestão de coleções, existe uma fotografia registrada após o banquete oferecido ao deputado Irineu Machado, que aconteceu em 1911, em que consta a seguinte informação: "Original de J. Camacho Phot", Rua Salvador Euzébio, 144 – 1º andar – Rio de Janeiro", colado sobre cartolina; sépia; 18x45cm; suporte: 31,5x58cm; gelatina" (CAMACHO, J. Banquete oferecido ao deputado Dr. Irineu Machado. [S.l.: s.n.]). O endereço comentado não foi localizado na cidade do Rio de Janeiro, sendo o mais próximo encontrado a Rua Senador Euzébio no bairro do Flamengo.

As imagens da vida pública de Maria Augusta com Rui Barbosa mostram que ela tem uma aparência mais chamativa e sofisticada, além dela ser mais alta do que ele. As Figuras 6 e 7 são relevantes para essa percepção. Na Figura 6, mesmo com Rui Barbosa em pé ao seu lado, o vestuário, os detalhes da estola, do colar, dos itens em sua mão, semelhantes a flores, a fisionomia e o porte de Maria Augusta destacam-se. Ponderando que, "a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade" (MAUAD, 2005, p. 136) e a Figura 7, produzida em 1919, que exhibe Maria Augusta ocupando um espaço central em uma mesa de honra, rodeada por muitos homens, e mesmo assim sendo a figura mais importante do ambiente salientam a forte imagem dessa mulher em seu contexto de vida social e público.

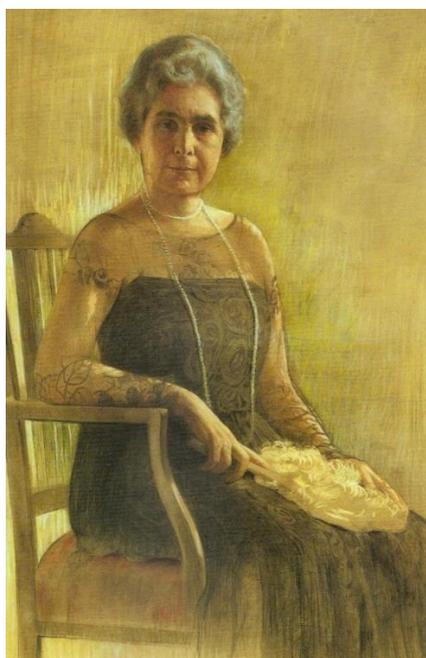
Desde 1910, o estilo de Maria Augusta acentua-se com a composição gola alta, sapato de bico fino e chapéu volumoso, seja ele como tule, laços ou abas alongadas. Nas Figuras 4 e 7, Maria Augusta aparece segurando um leque, acessório bastante comum nas fotografias dela. As Figuras 5 e 6 são interessantes pois, são do mesmo período (1916), e apresentam acessórios semelhantes como

os colares de pérolas e tecidos com aspectos semelhantes. Ou seja, Maria Augusta se deixa fotografar destacando exatamente o que gosta de usar ou que seria conveniente usar. Em suma, o colar de pérolas longo com uma gargantilha também em pérola é um elemento marcante. Ela ainda incrementa o colar, elaborando um nó no colar mais longo. A partir de 1916, as golas não são mais altas, e sim arredondadas, quadradas e até decotadas, evidenciando o colo.

A Figura 6 ainda evidencia um acessório muito usado em eventos sociais por Maria Augusta: a estola de pele, bem como evidencia o uso de tecidos transparentes, como também pode ser notado na Fotografia 9. É importante salientar a relevância da manutenção da imagem burguesa, independente do clima. A cidade do Rio de Janeiro era e ainda é muito quente, e, independente das dificuldades do clima, o uso de estola era costumeiro. Ainda na Fotografia 5, dois elementos diferem-se: renda de crochê e um acessório de cabeça de pluma. Nesse período, os chapéus volumosos não são mais tão comuns. Os brincos e cabelo continuam os mesmos.

A imagem fotográfica "é bidimensional, plana, com cores que em nada reproduzem a realidade (quando não é em preto-e-branco), puramente visual, excluindo outras formas sensoriais como o olfato e o tato" (MAUAD, 2005, p. 136), com isso, deve-se ponderar exclusivamente sobre o que a imagem transmite e principalmente, no nosso caso, sobre o que Maria Augusta queria transmitir ao posar para uma foto, já que "se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo" (MAUAD, 2005, p. 141).

Figura 8: Retrato de Maria Augusta Rui Barbosa com 67 anos, pintado por Gustave Brisgand em 1922.



Fonte: Iconografia FCRB, 2020.

Em um dos seus retratos mais clássicos, um pastel de 1922 pintado por Gustave Brisgand (1867 – 1944), pintor francês acadêmico especializado em retratos de mulheres e nus femininos, participou de duas edições da Exposição

Geral de Belas Artes, uma em 1906 e outra em 1922, na mesma data em que fez o quadro de Maria Augusta. Podemos notar alguns elementos do estilo apurado e do visual com o qual Maria Augusta se mostrava, agora os 67 anos de idade: os cabelos curtos e brancos, maquiagem leve ou quase sem maquiagem, os já citados longos colares com uma volta no pescoço (no desenho parecem pequenas pérolas ou algum outro material semiesférico na cor branca), um leque branco de plumas, que faz parte do acervo do MCRB e está sendo estudado em uma bolsa de pesquisa da instituição⁶ e finalmente o vestido: com um forro em um tom escuro (provavelmente preto) e uma fina alça nos ombros, com um tecido transparente por cima na mesma tonalidade, bordado com folhas e flores. Nota-se também um plissado na saia do vestido. Maria Augusta possui um estilo chique, em certa medida clássico, em outros moderno para o seu período, mas claramente adequado à moda.

A tecnologia do processo fotográfico permite visualizar as relações de gênero entre Maria Augusta e o público com quem ela interage. Pelas fotografias, pode-se notar uma mulher com estilo, imponente, magistral no âmbito não-privado, não sendo apenas a “rainha do lar”, como ela é considerada. Maria Augusta pertence e domina o espaço público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por essas poucas imagens de situações e ou indumentárias com que Maria Augusta foi fotografada ou que se deixou fotografar, e considerando sua grande atuação na formação do MCRB, já que ela teve um papel decisivo na criação do museu, podemos supor que ela preocupou-se em manter certa identidade e predileções, tornando clássico o que lhe agradava em sua composição de vestuário. A exploração do estilo de Maria Augusta da família Rui Barbosa apenas iniciada nesse artigo, através de poucos registros fotográficos ainda – abre uma possibilidade significativa de considerações dado que a pequena quantidade de acervo físico de Maria Augusta no MCRB não permite traçar parâmetros estilísticos mais amplos de aspectos da personalidade e trajetória dessa mulher, embora possa contribuir para tal. O que torna a compreensão das fotografias enquanto símbolos, posto que “o discurso de que se utiliza é o do código e o da desconstrução, já que está ligada à ideia de transposição, de análise, de interpretação e de transformação do real, uma codificação cultural da imagem” (MANINI, 2002, p. 82). Assim, as imagens tornam-se matriz do concreto e estão situadas no que se pode observar sobre preferências de estilos, gostos de Maria Augusta Rui Barbosa, enquanto figura pública. É interessante notar que, enquanto esposa de Rui Barbosa, cumprindo a imagem de uma mulher de homem público, o capricho necessário nas vestimentas e acessórios é evidente.

O registro fotográfico é “parte da realidade que vê, mas a reconstrói” (BOTTI, 2016, p. 110) e essa reconstrução perpassa por entendimento pessoais, históricos e institucionais. “O sentido da fotografia é muito maior no terreno da ficção e no imaginário de quem à espreita” (BOTTI, 2016, p. 110) e está imbuído de experiências. As interpretações são, portanto, motivadas por estudos anteriores e em desenvolvimento sobre Maria Augusta Rui Barbosa, sobre o que já se conhece e foi estudado sobre ela, e finalmente, o registro fotográfico é complementado pelos estudos, não sendo puramente interpretado pelo que se lê na imagem.

“Em uma fotografia não encontramos a neutralidade ou a inocência, pois ela é, antes de tudo, um recorte de uma realidade que se apresenta, um ponto de vista escolhido, uma intenção” (BOTTI, 2016, p. 110). As fotos de Maria Augusta com Rui Barbosa foram produzidas em eventos abertos, viagens oficiais e festas realizadas com o intuito de performances da aparência que a família Rui Barbosa almejava ter – aparência altamente dependente e construída a partir do desempenho de Maria Augusta – e que continuamente foi reproduzida após o falecimento do patriarca da família, até ser edificada com a construção de um museu que perpetua sua memória. Assim, “os fotografados também estabelecem o que desejam que os outros vejam e a fotografia é um objeto de exibição, não apenas de culto” (MOREIRA LEITE, 1994, p. 132).

Nossa intenção no decorrer desse artigo foi evidenciar que Maria Augusta tinha agência nos retratos posados - eram autorretratos. Ela era fotografada como desejava e a imagem retratada estava de acordo com o que ela gostaria de exibir ao público, ou com o que se esperava de uma mulher em sua posição. Temos em conta que “a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente” (MAUAD, 2005, p. 139). Cabe lembrar que as questões de gênero relativas à imagem construída sobre Maria Augusta são costumeiramente relacionadas a sua visão como matriarca e exclusivamente como esposa de Rui Barbosa, sem considerar suas singularidades. Para contestar e ampliar visões sobre Maria Augusta analisar materiais – como essas fotografias – que evidenciam os gostos, interesses particulares e individualidades de Maria Augusta pode ser uma contribuição para se conseguir retirá-la desse não-lugar.

Finalmente, consideramos que uma análise fotográfica prioritariamente voltada para o estudo de vestuário não é isenta de outras questões, como a exemplo da trajetória de Maria Augusta, bem como das questões de gênero e feminino inseridas na discussão, posto que esses diálogos e estudos não são neutros. “No caso das fotografias, em suas diversas modalidades, elas guardam na sua superfície sensível a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu” (MAUAD, 2005, p. 172). Portanto, evidencia-se que a imagem divulgada de Maria Augusta *versus* outras imagens que podem ser construídas é diferente e assim, o estudo sobre a desconstrução dessa imagem dada e reconhecida deve ser constantemente revisitado e repensado, nos seus mais variados aspectos.

Photographs in the construction of women's trajectories: Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948)

ABSTRACT

This paper presents and contextualizes Maria Augusta Rui Barbosa's (1855 – 1948) clothing style through photographs from Rui Barbosa Historic House Museum (FCRB). All the records were obtained through the Iconography of the institution's site and present some images of how Maria Augusta showed herself publicly. Some portraits are posed, others refer to public events, the common point is an initial understanding of this material as visual documentation capable of providing probabilities of investigation of its trajectory. From this analysis, it was possible to understand, access and study the style of Maria Augusta Rui Barbosa, besides using other possible dimensions of photography as an informational source.

KEYWORDS: Maria Augusta Rui Barbosa. Photograph. Iconography. Rui Barbosa Historic House Museum. Gender.

Fotografías en la construcción de trayectorias de mujeres: Maria Augusta Rui Barbosa (1855–1948)

RESUMEN

Este trabajo presenta y contextualiza el estilo de vestir de Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948) a través de fotografías de la Fundación Casa de Rui Barbosa (FCRB). Todos los registros se obtuvieron a través de la web de Iconografía de la FCRB y presentan algunas imágenes de cómo María Augusta se mostró públicamente. Se plantean algunos retratos, otros se refieren a hechos públicos, el punto común es una comprensión inicial de este material como documentación visual capaz de brindar probabilidades para indagar en su trayectoria. A partir de este análisis fue posible comprender, acceder y estudiar el estilo de Maria Augusta Rui Barbosa, además de utilizar otras posibles dimensiones de la fotografía como fuente informativa.

PALABRAS CLAVE: Maria Augusta Rui Barbosa. Fotografía. Iconografía. Museo Casa de Rui Barbosa. Género.

NOTAS

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² O projeto “Delineando trajetórias através da roupa: o vestido de Maria Augusta Rui Barbosa” está sendo realizado por mim sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Margaret Lopes no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

³ Antônio Francisco Azeredo (1861 – 1936) nascido em Cuiabá, Mato Grosso, foi deputado federal entre 1891 e 1893 e senador entre 1897 e 1930.

⁴ Tal informação foi obtida através da pesquisa realizada para obtenção do bacharelado em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), denominada “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas”. Mais informações estão disponíveis no através do Pantheon da UFRJ: <http://hdl.handle.net/11422/12299>

⁵ A Campanha Civilista foi a campanha eleitoral de Rui Barbosa durante a República Velha, em 1910.

⁶ A bolsa de pesquisa denominada "Pensando a mulher através da indumentária: trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa a partir de suas roupas" estuda os leques e os chapéus de Maria Augusta Rui Barbosa presentes no acervo. A pesquisa é orientada por Anna Gabriela Pereira Faria e executada por Nathalie Rodrigues Barcellos.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia**: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo, 1997.

ANDRADE, Rita Morais de. **Boué Soeurs RG 7091**: a biografia cultural de um vestido. 2008. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ANDREO, Marcelo Catro; ONO, Maristela Mitsuko. Consideraciones sobre el uso de la fotografía en la Antropología Criminal, a finales del siglo XIX. In: **V Jornadas de Investigación en Antropología Social**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, v. 1. p. 1–14, 2008.

BOONE, Silvana. Fotografia, memória e tecnologia. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 13–19, 2007.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 103–131, 2016.

BRASIL. Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927. **Lex**: Crea o Museu Ruy Barbosa e approva o seu regulamento: Diário Oficial da União – Seção 1 – 21/4/1927, Página 9238 (Republicação). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17758-4-abril-1927-500996-republicacao-86883-pe.html>. Acesso em: 04 set. 2020.

CASA DE RUI BARBOSA. **In memorian: D. Maria Augusta Rui Barbosa**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1949.

FABRIS, Annateresa. A imagem técnica: do fotográfico ao virtual. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia. (Orgs). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 157–178.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. *IN: XIII Encontro de História Anpuh–Rio*, Rio de Janeiro. **Anais...** Anpuh–Rio, 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Iconografia (Busca: Maria Augusta)**. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2020a.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **SophiA Biblioteca**. Disponível em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2020b.

GONÇALVES, João Felipe Ferreira. **Vida, glória e morte de Rui Barbosa: a construção de um herói nacional**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, Maria Margaret; COSTA, Maria Conceição. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na história das ciências. In: MORAES, Maria Lygia Quartim (Org.). **Gênero nas fronteiras do Sul**. Campinas: **Pagu–Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, p. 75–83, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=108978&opt=1>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

MALTA, Marize. Arte doméstica e imagem da nação: um olhar sobre os museus–casa de Rui Barbosa e de Benjamin Constant. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 165–183, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12641>. Acesso em: 02 ago. 2020.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2002.

MANINI, Miriam Paula. **Imagem, Memória e Informação: um tripé para o documento fotográfico**. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 4, n. 8, p. 77–88, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23354>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133–174, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Leitura da fotografia. **Revista Estudos Feministas (REF)**, Santa Catarina, Nº especial – Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec, p. 130–141, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16099>. Acesso em: 01 ago. 2020.

NOGUEIRA, Ataliba. Rui Barbosa e Campinas. Rio de Janeiro, **Revista da Ordem dos Advogados do Brasil**, v. 2, n. 4, p. 291–307, 1970.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PONTES, Heloisa. Modas e modos: uma leitura enviesada de O espírito das roupas. **Cadernos Pagu**: Campinas, n. 22, p. 13–46, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100003>. Acesso em: 05 jul. 2020.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. **Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2015.

REIS, Cláudia Barbosa. **Indumentaria**: estudo Do Acervo Do Museu Casa De Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

REIS, Cláudia Barbosa. **Memória de um jardim**: estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2011.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, P. (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, pp. 63-95, 1992.

SILVA, Susana Veleda. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 262, 2000.

SOUSA, Gabriela Lúcio de. Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas, 2018. 126 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Conservação e Restauração) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a nova moda do século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Rui Barbosa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 2ª Edição.

Recebido: 03/10/2020.

Aprovado: 26/02/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.13266.

Como citar: SOUSA, Gabriela Lúcio de; LOPES, Maria Margaret. Fotografias na construção das trajetórias de mulheres: Maria Augusta Rui Barbosa (1855 – 1948). **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 355-373, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Gabriela Lúcio de **Sousa**

Rua Durval Pedroso da Silva, 195 - Vila do Castelo - São Paulo, SP, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

